

# Aprendizagem de Libras como segunda língua: dificuldades dos alunos ouvintes do curso de Letras Libras da UFERSA/Caraúbas-RN no contexto do ensino remoto

Djuliane Mcnamara Jácome de Moraes <sup>1</sup>

Rita Adriana de Oliveira <sup>2</sup>

Antonia Dávila Fernandes Amaral <sup>3</sup>

Thays Grazielle Bezerra Freitas <sup>4</sup>

Antonia Edilma da Silva <sup>5</sup>

Francisco Ebson Gomes-Souza <sup>6</sup>

## RESUMO

A pandemia da Covid-19 transformou todo cenário político, social e econômico. A educação precisou adaptar-se a essas mudanças que exigiam o distanciamento social e consequentemente o fechamento temporário das escolas. Diante desta realidade, a estratégia foi optar pelo Ensino Remoto Emergencial. Estudantes do curso de Letras Libras perderam o convívio direto com a comunidade surda, o que acarretou dificuldades para o aprendizado de Línguas de Sinais como segunda língua. O objetivo deste artigo é compreender as dificuldades encontradas pelos alunos ouvintes, dos semestres iniciais do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas, mediante o contexto de ensino atual. A discussão foi dividida em três partes: Ensino Remoto Emergencial, o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino aprendizagem e o Ensino de Libras para ouvintes, utilizando teóricos como: Minayo (2007), Deslandes e Gomes (2007), Arruda (2020), Paiva Junior (2020) Fernandes (2011) Figueiredo (2006) e Silva (2020). A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, e como instrumento para alcançarmos nosso objetivo, realizamos entrevistas com alunos do referido curso, de posse das mesmas, foi feita análise e detectamos as dificuldades enfrentadas por eles, assim como as marcas e o aprendizado mediante a pandemia do covid-19.

**Palavras-Chave:** Ensino Remoto Emergencial, Ensino de Libras, Ouvintes.

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Letras Libras, UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido / e-mail: [djuliane.morais@alunos.ufersa.edu.br](mailto:djuliane.morais@alunos.ufersa.edu.br)

<sup>2</sup> Graduanda no curso de Letras Libras, UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido / e-mail: [rita.oliveira98423@alunos.ufersa.edu.br](mailto:rita.oliveira98423@alunos.ufersa.edu.br)

<sup>3</sup> Graduanda no curso de Letras Libras, UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido / e-mail: [antonia.amaral@alunos.ufersa.edu.br](mailto:antonia.amaral@alunos.ufersa.edu.br)

<sup>4</sup> Graduanda no curso de Letras Libras, UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido / e-mail: [thays.freitas@alunos.ufersa.edu.br](mailto:thays.freitas@alunos.ufersa.edu.br)

<sup>5</sup> Graduanda no curso de Letras Libras, UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido / email: [antonia.silva56464@alunos.ufersa.edu.br](mailto:antonia.silva56464@alunos.ufersa.edu.br)

<sup>6</sup> Professor Mestre do curso de Letras Libras, UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido / e-mail: [ebson.gomes@alunos.ufersa.edu.br](mailto:ebson.gomes@alunos.ufersa.edu.br)

## **1 INTRODUÇÃO**

A pandemia da Covid 19, provocou diversas mudanças no contexto social, uma delas foi na educação. Impossibilitados de frequentar o ambiente da escola, professores e alunos precisaram se reinventar para garantir que as aulas não ficassem paradas por um longo período. As aulas passaram a acontecer de modo remoto, por meios de equipamentos tecnológicos educacionais, como aulas via plataformas de reuniões online.

Assim como os alunos de todas as redes de ensino, os estudantes dos semestres iniciais do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas, precisaram se adaptar à nova realidade e enfrentar dificuldades para a aprendizagem da língua de sinais como segundo idioma (L2).

A aprendizagem de língua de sinais exige muita prática e contato com a comunidade surda, com o distanciamento social e falta de contato com pessoas surdas essa aprendizagem assim como a de qualquer língua, fica comprometida.

Diante dessa realidade, buscamos compreender as dificuldades enfrentadas pelos alunos ouvintes do curso de Letras Libras na aprendizagem de Libras como L2 no contexto das aulas remotas. Foi aplicado um questionário com três alunos ingressos no Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas, no semestre 2020.1.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia é o caminho traçado para o desenvolvimento da pesquisa e contém as técnicas e práticas adotadas na abordagem que será pesquisada. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, que segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2007):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, trabalha no universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. [...] o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que se faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (p. 21)

A pesquisa qualitativa busca entender fenômenos e realidades de acordo com a perspectiva dos participantes, de suas experiências e interpretações, e a partir dessas respostas realizar análise do fenômeno que será estudado. A coleta de dados se deu por uma pesquisa bibliográfica, para abordar conceitos e teorias; e a aplicação de questionários, via plataforma do *Google Forms*, com perguntas abertas, com 03 (três) estudantes do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas/RN, que ingressaram na graduação no semestre 2020.1.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nossos aportes teóricos pretendem nos dar compreensão sobre os fenômenos que estamos analisando. Dessa forma, para a melhor entendimento, subdividiremos em três partes, a saber: 1 – Ensino remoto emergencial; 2 - Uso de tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino aprendizagem e; 3 - Ensino de Libras para ouvintes.

#### **3.1 Ensino Remoto Emergencial**

No final de 2019 e início de 2020 ocorreram mudanças a nível mundial, passamos a viver um contexto atípico com a chegada da pandemia, ocasionada pela COVID - 19. Com a medida de distanciamento social orientada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e adotada pela maioria dos governos, para tentar impedir a proliferação do vírus SARS-CoV-2, o convívio social ficou limitado ao ambiente de casa e as demais interações eram feitas por meio virtual.

Na educação não foi diferente, as escolas foram fechadas e as aulas suspensas, sendo necessário buscar estratégias que possibilitassem o aprendizado sem sair de casa. Com o sistema educacional afetado pela pandemia, professores e alunos precisaram se reinventar para que as aulas pudessem acontecer com o mínimo de prejuízos.

Como estratégia para suprir a nova demanda, o sistema educacional optou pelo Ensino Remoto Emergencial, que segundo Arruda (2020):

Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para as aulas previamente elaboradas no formato presencial, podem ser combinadas para momentos híbridos ao longo da crise, em

situações de retorno parcial das aulas e quantitativo de alunos e possuem duração delimitada pelo tempo em que a crise se mantiver. A educação remota emergencial pode ser apresentada em tempo semelhante à educação presencial, como a transmissão em horários específicos das aulas dos professores, nos formatos de lives. Tal transmissão permitiria a colaboração e participação de todos de forma simultânea, mas pode envolver a gravação das atividades para serem acompanhadas por alunos sem condições de assistir aos materiais naquele momento. (p. 265 e 266).

Professores e alunos passaram a participar das aulas em suas casas, nos mesmos horários em que aconteciam as aulas presenciais, o encontro acontece por meio de telas de celulares, tablets e computadores utilizando plataformas de reuniões online como o *Google Meet* e *Zoom*. Por ser um ensino emergencial, essa forma de oferta é temporária, uma alternativa para períodos de crise, como esse da COVID-19.

É importante compreendermos que Ensino Remoto Emergencial difere de Educação a Distância (EaD). A primeira é uma estratégia que é utilizada para o ensino em períodos emergenciais, já a EaD tem metodologia e regulamentação própria, e acontece independente do período de crise. A Educação a Distância está regulamentada pelo Decreto Federal nº. 9.057/2017, que apresenta:

[..] educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017, p. 01).

Embora tenham as mesmas características de utilizar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), as aulas EaD não são dinâmicas e participativas, a comunicação entre professores e alunos acontece por meio de fóruns, chats e e-mail, enquanto no ensino remoto em grande parte a interação acontece simultaneamente.

### **3.2 Uso de tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino aprendizagem**

O contexto da pandemia possibilitou a ampliação dos recursos digitais como instrumento de trabalho para a educação. Porém, foi possível perceber que muitas pessoas não estavam preparadas para essa mudança e enfrentaram bastante dificuldades no uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Além das dificuldades de utilizar as TDIC, muitos alunos não tinham acesso e nem condições econômicas de adquirir. Ao mesmo tempo em que a tecnologia era uma estratégia do sistema de educação para dar continuidade às aulas, para muitos era o empecilho pela falta de acesso.

Embora concordemos que a opção pela oferta do Ensino Remoto foi uma escolha correta e que seja necessário reconhecer que o Ensino Remoto possui efeito limitado e não conseguirá substituir a experiência escolar presencial, destacamos que entre as suas limitações certamente está a disparidade de acesso à internet e aos equipamentos de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). Neste aspecto não advogamos em nome do Ensino Remoto, mas é importante esclarecer que o seu eventual fracasso não pode estar atrelado às disparidades de acesso à internet e TICs, haja visto que a garantia de igualdades de condições cabe aos governantes e a efetiva eficácia de duas políticas públicas (PAIVA JUNIOR, 2020, p. 123).

Sem o acesso adequado às tecnologias, muitos alunos tiveram sua aprendizagem limitada no ensino remoto emergencial. É inegável que foi uma estratégia acertada para o momento, porém, é importante enfatizar a dificuldade considerável de uma quantidade de alunos que ficaram à margem do ensino por falta de acesso. Essa dificuldade já não é tão presente na EaD, pois geralmente os alunos que se inscrevem tem algum acesso à internet e às tecnologias.

Segundo Arruda (2020) atender alunos que foram afetados pelo fechamento das escolas, ocasionado pela Pandemia da Covid - 19, por meio de tecnologias digitais, não é o mesmo que utilizar em sala de aula da Educação a Distância, embora em ambos a mediação de conhecimentos aconteça por meios tecnológicos.

A EaD exige um planejamento a longo prazo, que leva em consideração tanto o perfil do aluno quanto do docente, edição de materiais, uma estratégia pedagógica diferente. Já no Ensino Remoto Emergencial, a utilização das TDIC é uma alternativa temporária, para oferta de aulas e conteúdos em uma situação de crise, cujo uso foi adaptado do planejamento das aulas presenciais, sendo assim preciso, uma readaptação.

Paiva Junior (2020) enfatiza que embora tenham sido implantadas políticas públicas de auxílio estudantil para aquisição de aparelhos como: computador, tablets e celulares, outros desafios e entraves permeiam o ERE. Dentre estes ele cita a formação docente para desenvolver atividades por meio virtual, domínio técnico e infraestrutura adequada para que os alunos pudessem acompanhar de maneira satisfatória as atividades, mesmo estando em situação de vulnerabilidade social, educacional e econômica.

O uso de tecnologias digitais de informação e comunicação possibilita a ampliação dos meios educacionais, desenvolvimento de estratégias de ações e planejamentos. Sendo de fundamental importância, um estudo das condições de uso dessas tecnologias e as possibilidades de acesso dos alunos e professores. Para a educação é importante que o ensino-aprendizagem esteja ao alcance de todos.

### **3.3 Ensino de Libras para ouvintes**

A maioria das pessoas nascidas no Brasil são ouvintes e tem a Língua Portuguesa como L1. Esta língua é oral e auditiva e utilizada amplamente em todos os lugares. Porém, existe outra língua também utilizada em nosso país: a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). A Libras é uma língua de modalidade visual-espacial, utilizada pela comunidade surda (BRASIL, 2002). Para existir uma comunicação inclusiva entre surdos e ouvintes, é necessário a utilização da Libras. Esta aprendizagem de Libras para ouvintes como segunda língua, acontece de forma paulatina e exige esforço, dedicação e inserção na cultura surda.

A LIBRAS é uma língua” de modalidade visual espacial que diferentemente das línguas orais auditivas, utilizam-se da visão para sua apropriação e de elementos corporais e faciais e organizados em movimentos no espaço para constituir unidades de sentido as palavras ou, como se referem os surdos, os sinais. Os sinais podem representar qualquer dado da realidade social, não se reduzindo a um simples sistema de gestos naturais, ou mímicas como pensa a maioria das pessoas. Aliás, esse é o principal mito em relação à língua de sinais, pois por utilizar as mãos e o corpo na comunicação, costuma-se compará-la à linguagem gestual, contextual e restrita a referentes concretos, palpáveis, transparentes que tem seu significado facilmente apreendido por que os observa (FERNANDES, 2011, p.82)

A língua de sinais não é apenas gesto, tem uma estrutura e gramática própria, que exige estudo para aprendê-la. Esta língua é um outro mundo para os ouvintes, que enfrentam dificuldade em aprender uma nova gramática, o que consideram muito difícil por estarem presos a estrutura da Língua Portuguesa.

Para que o ouvinte possa adquirir a Libras como L2 é importante que esteja inserido na comunidade surda e que haja interação. Silva (2020) afirma que numa perspectiva de estudos na área, que é por meio da interação que o ouvinte constrói sua relação com o surdo, e, é nesse processo de conhecimento que constrói e desconstrói suas afirmações.

Ao se inserir na comunidade surda, o ouvinte amplia seus campos de aprendizagem, tendo acesso a modelos linguísticos diferentes, pois terá o contato com a língua em seu espaço natural, com suas expressões culturais e variações linguísticas, não fica limitado apenas ao que é exposto na sala de aula.

Para Figueiredo (2006), a teoria da aculturação permite esclarecer que quando o indivíduo busca aprender a nova língua, se insere na comunidade, compreende sua cultura, a aquisição da L2 é facilitada, ou seja, a aquisição da L2 está ligada ao seu nível de proximidade com a comunidade surda, quanto menos contato com o surdo, maiores serão as dificuldades de compreensão da língua.

Figueiredo (2006) afirma que não é apenas por meio de atividades desenvolvidas em sala de aula que o ouvinte irá desenvolver a L2, mesmo que as atividades sejam práticas, mas é por meio da interação comunicativa com os nativos das línguas, que irão surgir as conversações e aprendizados. Ao participar de ações, associações, movimentos e ambientes que convivam com surdos e a Libras seja a língua principal, o ouvinte terá acesso às diferentes variações e identidades linguísticas e enriquecerá seu vocabulário.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para essa pesquisa utilizamos um questionário com questões abertas, o mesmo foi enviado para três estudantes do curso de Letras Libras via plataforma do *Google Forms*, com as seguintes perguntas: 1 – A falta de contato com a comunidade surda tem interferido na aprendizagem de Libras como L2? 2 – Na sua opinião, o uso das tecnologias educacionais tem contribuído para a

aprendizagem da Língua de Sinais no contexto das aulas remotas? 3 – A didática utilizada nas aulas remotas (Libras) contribui de que forma para a sua aprendizagem?

Ao analisar os depoimentos dos discentes entrevistados, é possível perceber que os mesmos possuem dificuldades semelhantes. A principal causa para a deficiência na aprendizagem da Língua de Sinais é a falta de contato com a comunidade surda, que foi rompida com a chegada da pandemia da Covid-19. Um dos alunos entrevistados ressalta:

Quando você tem o contato diário e presencial com seus professores e colegas surdos, a comunicação mesmo que de forma tímida ela surge acontece, às necessidades do dia a dia na universidade oportuniza essa comunicação e conseqüentemente a aprendizagem. (Alice)

É natural que na convivência dentro do ambiente escolar alunos e professores (surdos e ouvintes) no decorrer das aulas, das atividades em classe ou no espaço fora da sala de aula, interajam, se comuniquem e até criem vínculos, a universidade proporciona quase que de forma obrigatória essa relação. São nesses momentos que há o compartilhamento de conhecimentos, culturas e vivências. Os alunos ouvintes têm contato, quase sempre com um mundo novo, onde a língua de sinais está muito presente, logo para se comunicar com os seus colegas surdos, e estabelecer as relações anteriormente citadas faz-se necessário aprender a sinalizar.

Um dos entrevistados relata algo que nos mostra quão necessário é essa interação, ele enfatiza que: “No período que tive aula presencial foi ótimo, consegui aprender alguns sinais, como tinha uma amiga surda ela me ensinou”, através desse depoimento comprovamos que é de suma importância para o desenvolvimento dos alunos ouvintes do curso de Letras Libras nos semestres iniciais que haja o contato presencial com a comunidade surda, pois através deste há compartilhamento de sinais por parte da mesma, como mostra o relato acima, os ouvintes têm uma oportunidade maior de aprender, pois a necessidade impulsiona a comunicação e a sinalização começa a fluir.

Outro fator citado que contribui na dificuldade da aprendizagem é o uso das tecnologias educacionais, segundo os entrevistados entre os principais problemas estão: o acesso; pois nem todos os alunos possuem equipamentos

que proporcionem uma utilização de qualidade, e o manuseio; tendo em vista alguns alunos não saberem manusear os aparelhos tecnológicos.

Ainda sobre as tecnologias educacionais destacamos que um dos entrevistados analisou de forma positiva as tecnologias educacionais. O mesmo fala que nas aulas síncronas (através de videoconferência) onde há tradutores/intérpretes assim como nas videoaulas legendadas, é possível visualizar os sinais e associar com a legenda e a tradução, e para ele isso tem contribuído de forma significativa para o desenvolvimento da sinalização.

No que diz respeito a didática utilizada pelos professores nas aulas remotas os alunos expõem que nem sempre os docentes atingem os objetivos da disciplina. Salientam também a importância dos momentos síncronos, pois eles são responsáveis pelo único contato de alguns alunos com a língua de sinais, possibilitando a aprendizagem da sinalização. Outro ponto citado como positivo proposto pelos professores é a gravação de vídeo pelos discentes, segundo os entrevistados eles instigam a pesquisa de sinais desconhecidos, e possibilitam a identificação dos possíveis erros e posteriormente a sua correção.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisarmos os resultados dessa pesquisa, a consideramos de suma importância, para entendermos o quanto a pandemia da Covid-19 afetou o desenvolvimento da aprendizagem dos discentes dos semestres iniciais do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas, todos tiveram que se adaptar à nova realidade e enfrentar dificuldades na aprendizagem da língua de sinais como segunda língua (L2).

Com a chegada do ensino remoto tudo foi modificado, os professores tiveram que trocar as ferramentas de trabalho, os planos de aulas foram adaptados, sua carga horária de trabalho mudou drasticamente, transformaram seus lares em salas de aula, os alunos tiveram muitos prejuízos, alguns não tinham acesso de qualidade as tecnologias, dificultando assim suas participações nas aulas online, a comunicação apesar do esforço dos intérpretes, muitas vezes não tinham o retorno desejado, pois nem sempre os mesmos podiam auxiliar os surdos nos trabalhos em grupos, dificultando um pouco a comunicação entre os colegas.

O distanciamento da comunidade surda foi de muito prejuízo para o avanço da comunicação entre ouvintes e surdos, assim como afetou muito o lado emocional dos professores e alunos, deixando marcas profundas que serão lembradas ao longo dos anos, mas como de tudo devemos retirar algo de bom, o ensino remoto nos mostrou que somos capazes de buscar novas fontes de aprendizado, de compreendermos mais os anseios dos nossos colegas surdos dentro da universidade, que os mesmos têm dificuldades, assim como nós ouvintes e que devemos fortalecer os laços de amizade e juntos tentarmos superá-las com isso alcançar nosso objetivo final que é a aprendizagem dentro da L2 .

## 6 REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *EmRede - Revista De Educação a Distância*, 7(1), 2020. 257-275. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621> Acesso em: 21 de outubro de 2021

BRASIL, *Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017*. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm) . Acesso em: 20 de outubro de 2021

FERNANDES, S. *Educação de surdos*. 2 ed. Atual.- Curitiba IBpex, 2011

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. A aprendizagem colaborativa de línguas: algumas considerações conceituais e terminológicas. In: (Org.). FIGUEIREDO, F. J. Q. de. *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Ed. UFG, 2006. p. 11-45.

MINAYO, M. C. S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAIVA JÚNIOR, F. P. de. *O ensino remoto na perspectiva do aluno*. Ensino Remoto em Debate, Belém, v. 1, p. 119-129, 8 dez. 2020. RFB Editora. Disponível em: <https://portal.ifma.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/ENSINO-REMOTO-EM-DEBATE-digital-2-1.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2021.

SILVA, L. Aquisição de segunda língua: o estado da arte da libras. *Alfa: Revista de Linguística* (São José do Rio Preto), [S.L.], v. 64, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-e11861>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/MSXqM6rswbSLPY38xdRCFrm/?lang=pt> . Acesso em: 30 out. 2021.